

Nota sobre ferramentas geobotânicas na silvicultura próxima da Natureza

Jorge Capelo

Investigador Auxiliar

L- INIA, INRB - INSTITUTO NACIONAL DE RECURSOS BIOLÓGICOS, I.P.

José Carlos Costa

Prof. Associado

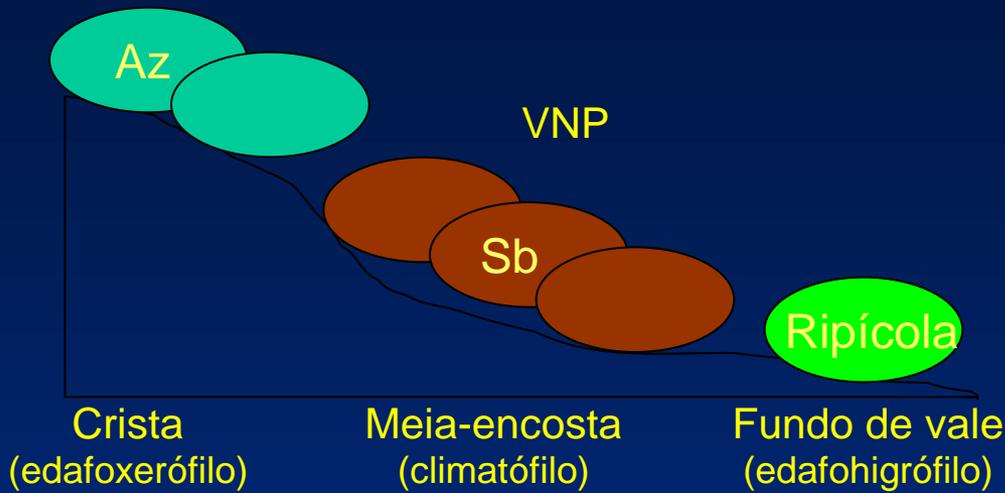
DPPF- INSTITUTO SUPERIOR DE AGRONOMIA

Seminário “A Floresta Portuguesa no Combate à Desertificação – Casos de Sucesso”

Alcoutim

8 de Março de 2010



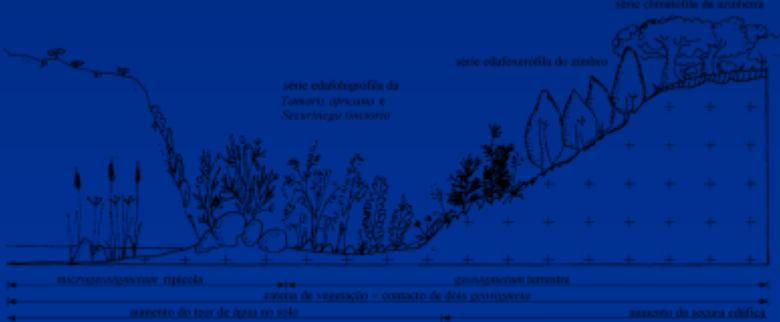
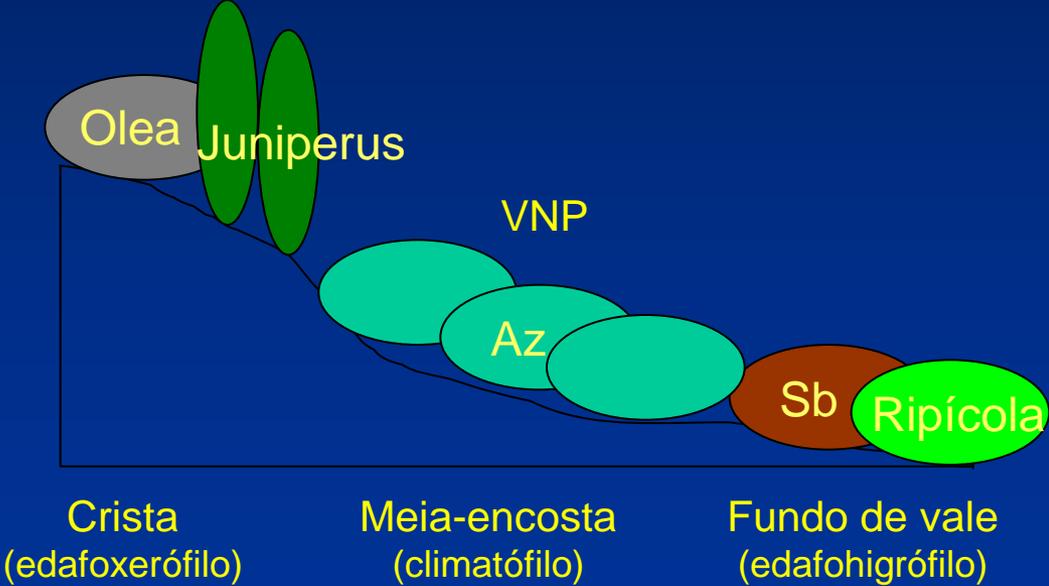


Ombroclima sub-húmido



Aumento da secura climática

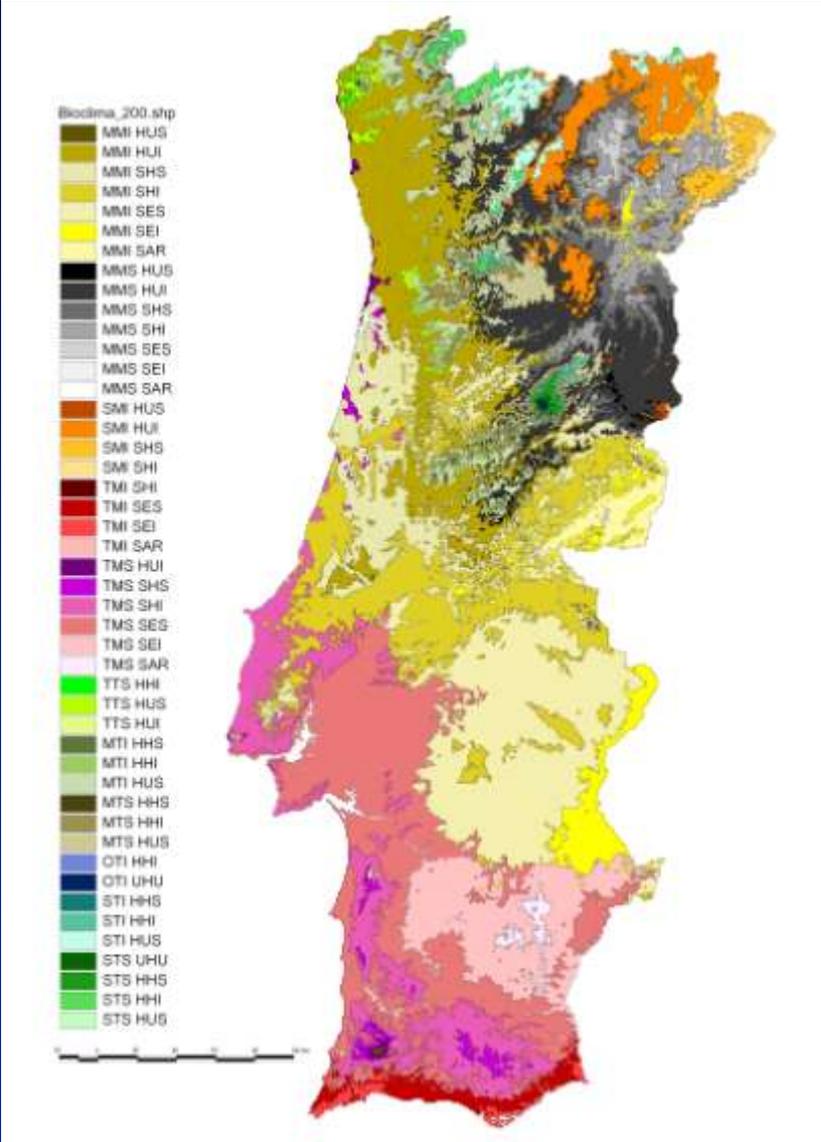
Ombroclima seco



Aumento do teor de água no solo

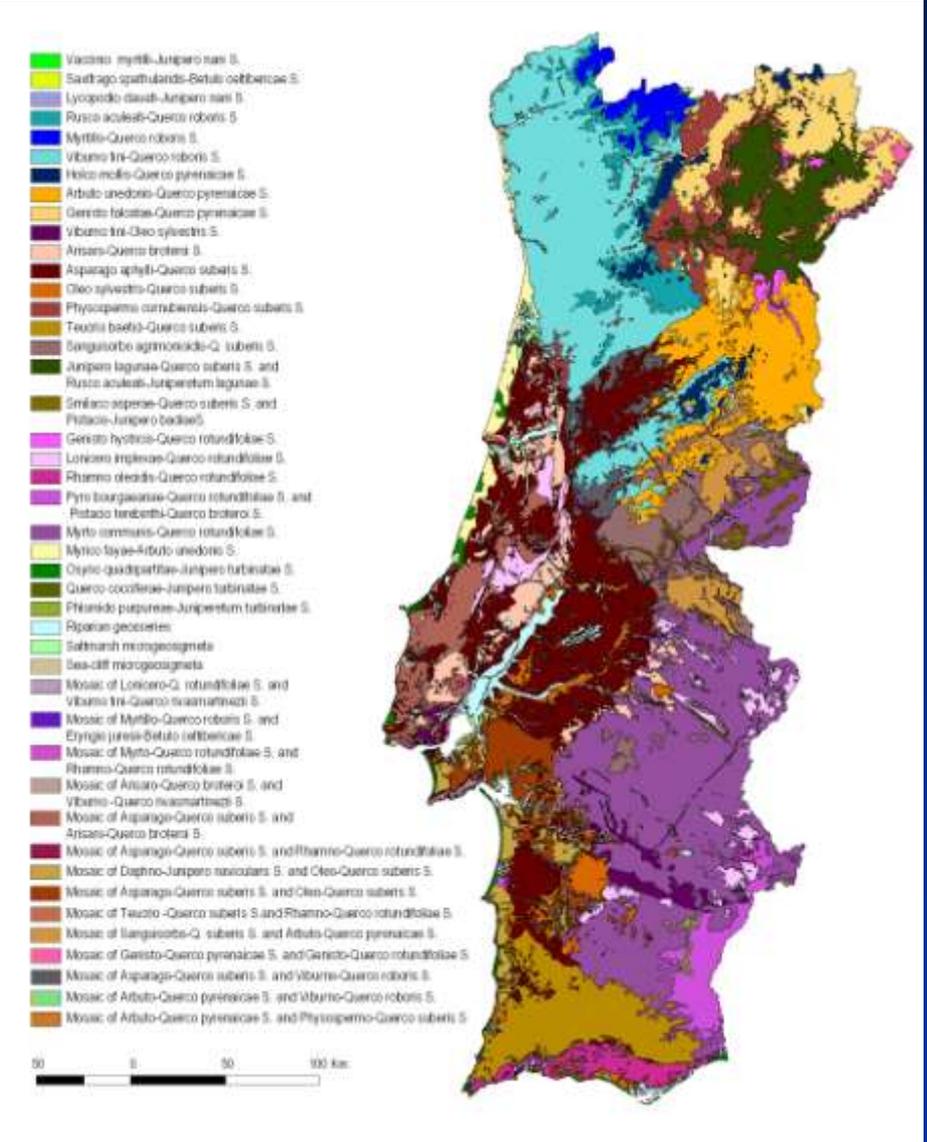
Carta dos andares bioclimáticos de Portugal continental

MESQUITA S. & SOUSA A.J. (2009). Bioclimatic mapping using geostatistical approaches: application to mainland Portugal. International Journal of Climatology



Carta da vegetação natural potencial de Portugal continental (VNP)

CAPELO J. et al. (2007). A methodological approach to potential vegetation modeling using GIS techniques and phytosociological expert-knowledge: application to mainland Portugal. Phytocoenologia



Questões em face de alterações climáticas e alterações de uso do solo:

- Dever-se-à planear uma floresta bem adaptada ao clima actual?
- Dever-se-à planear uma floresta já adaptada a cenários climáticos futuros?
- Dever-se-à planear uma floresta adaptada ao clima actual, mas estrutural e paisagisticamente diversa e que possa espontaneamente ser adaptativa às alterações climáticas?
- Dever-se-à ter em conta que a erosão do solo transforma os biótopos fisiograficamente climatófilos em edafoixerófilos? Nesse caso presume-se a sua evolução favorável e arboriza-se com a VNP?
- Ou maximiza-se o seu sucesso como floresta recuperadora usando a V edafoixerófila?

(Note-se que a última possibilidade é ainda coerente com os cenários de aumento da secura).

É nossa opinião, que a resposta a todas as perguntas é SIM, pelo que o planeamento da nova floresta deve ser adaptativo e em coerência com os modelos de VNP.

Obrigado pela atenção.